

**Apontamentos da Escola de comunidade com Julián Carrón
Milão, 30 janeiro 2013**

*Texto de referência: «Alguém alguma vez nos prometeu alguma coisa? Então, porque esperamos?»
Exercícios dos universitários de Comunhão e Libertação, supl. Passos, fevereiro 2013, pp. 3-32.*

- *Marta, Marta*
- *I Wonder*

Glória

Tinhamos-nos dado como trabalho para esta noite a introdução e a lição dos Exercícios do Clu que tinham como título, como todos sabem, a frase de Pavese: «Alguém alguma vez nos prometeu alguma coisa? Então porque esperamos?». Quero começar por ler um email que recebi e que testemunha como tantas vezes esta espera que nos constitui é reduzida, e o que é que nos permite tomar consciência disto: «Escrevo-te para te contar um facto que me aconteceu e que iluminou o trabalho que nos propuseste a partir do texto dos Exercícios para o Clu. No Natal descobri que estava à espera do terceiro filho que tanto tinha desejado nos últimos anos. Lendo o livrinho dos Exercícios tinha-me impressionado muito o assunto que escolheste bem como as cartas dos universitários. Tinha-me impressionado também porque iluminava a espera que eu estava a viver, e dei-me conta que muitas vezes esperamos, mas raramente nos damos conta do que esperamos verdadeiramente: esperamos das coisas, das pessoas, um filho por quem sermos felizes, esquecendo-nos de Quem é o único que nos pode tornar felizes a nós e às pessoas que amamos. Vivi portanto, cada dia a pensar que dentro da espera do meu filho havia uma espera infinitamente maior. Quando depois, um mês mais tarde, tive um aborto espontâneo, vi como o dar-se conta da espera que nos constitui remete tudo para o seu lugar e faz ver a realidade até à sua profundidade. O dia em que fui ao hospital estava apesar de tudo agradecida de ter voltado a ser mãe e estava certa que aquela pequena criatura estava feita para esperar o Infinito e que a tinha podido encontrar por um breve período de tempo». Espanta-me como um facto assim nos pode ajudar, como ela diz, a ver a realidade até à sua profundidade. Não é um raciocínio, não é uma dedução, é um facto que acontece que nos permite ver a realidade na sua profundidade.

Sou chinês, vivo em Milão há três meses e em Itália há 3 anos e 3 meses. Licenciiei-me na universidade de Bolonha com sede em Rimini. Ao princípio não sabia quase nada, nem a língua, nem os costumes do lugar, portanto podem imaginar como foi difícil, cada dia, para mim. No primeiro ano acreditava que era uma pessoa forte, capaz de resolver todas as coisas que me aconteciam; mas quando me enganei a comprar lixívia (inclusivamente tive de deitar fora todos os vestidos que tinha posto na máquina de lavar) mudei de ideias: neste mundo não se pode viver sozinho. Junho de 2011 foi o período mais duro, mais feio para mim, mas tudo mudou por uma indicação de Deus, uma ocasião accidental e magnífica: eu conheci tantos amigos no Meeting de Rimini. Desde aquele momento fiz tantas amizades decisivas, com quem me sinto muito bem porque tenho tantas coisas a aprender com eles, e não me canso de o fazer. Acabei a universidade no tempo certo, quase com as notas máximas e passados quinze dias da licenciatura encontrei um trabalho em Milão. Eu queria ficar em Rimini porque queria estar com os queridos amigos que fiz lá, só que não encontrei trabalho em Rimini. Foi assim que comecei uma vida nova aqui. Como estou feliz de ver o Carron ao vivo, antes via-o sempre no mega-ecrã... que prazer!

O prazer é todo meu!

Nestes dias descobri um bocado a diferença entre o estudo e o trabalho. Digamos que enquanto uma pessoa estuda os objetivos já estão pré-fixados: passar os exames e licenciar-se. O trabalho é

diferente: o objetivo do trabalho, como o objetivo da vida, devem ser decididos. Sobretudo, nós jovens devemos saber o que vamos fazer, como vamos cumprir o desejo da vida, só que isto é fácil de esquecer quando repetimos o mesmo trabalho cada dia. Nós na China contamos a história da rã. Põe-se uma rã numa panela e depois deita-se água morna. Ao princípio a rã sente-se à vontade, cómoda e diz: «Quero ficar aqui». Aos bocadinhos aumentam-se os graus da água, assim a rã não pensa fugir da panela, até que a água começa a ferver e a rã morre quase sem se aperceber. Portanto, nós os jovens devemos empenhar-nos, usando os métodos adequados para não fazer morrer os nossos desejos de vida. Em Milão já passei dias bonitos e dias feios. Sobretudo em dezembro estava muito mal, falei um bocadinho com um amigo, que me dirigiu apenas uma pequena pergunta: «agora qual é a tua esperança?». Estávamos em dezembro, por isso ao princípio pensei: o fim do mundo, porque o 21 de dezembro está quase a chegar. Depois, para minha satisfação, naquele dia o mundo não acabou. Então, mudei de resposta: já chegou o fim do ano, temos de ser ativos, logo toca a ganhar dinheiro. E depois pensei que até quando as pessoas são ricas não são felizes, por isso o dinheiro não basta. Uma amiga disse-me, e eu estou de acordo com ela: «não devemos procurar, vá-se lá saber, qual esperança, devemos apenas olhar para o que nos aconteceu». Cada vez mais Ele é a nossa única esperança, Jesus é o único que não nos pode enganar e que nos pode tornar felizes. Há um provérbio chinês que diz: se o percurso é de cem quilómetros, percorrer noventa seria como percorrer só metade. Portanto este caminho é longo, mas não devemos cansar-nos de estar neste caminho. Estou muito orgulhoso de estar aqui com vocês que estão comigo neste caminho, estou muito contente.

Obrigado. Benvindo. «Qual é a tua esperança?»: qualquer que seja a modalidade, qualquer que seja a origem, nós somos amigos se continuamos a fazer esta pergunta que nos impede de nos reduzirmos. Às vezes pode acontecer como a ele, através de um amigo ou através de uma circunstância.

No início do ano tinha uma certeza: que o trabalho estava a ir exactamente como eu queria. Por outro lado uma fadiga: continuava a pegar-me com a minha mulher, somos os dois um espírito um pouco acesos nada de grave mas... Há uma semana atrás sucedeu um grave problema na empresa. Estávamos todos um tanto perdidos, todos bastante fustigados pelo acontecido. Tendo de falar ao pessoal, perguntei-me em que me apoiava para poder estar diante das pessoas, até porque até então tudo parecia ir sobre rodas. E então antes de me encontrar com os outros, disse-me: eu tenho uma certeza, estou certo de que tenho um destino bom, de que sou amado por Jesus e que ele tem para mim um desígnio bom. Pelo que dentro desta circunstância, que não é simples, que é difícil, com um sentido de vertigem, é como se crescesse ainda mais dentro desta certeza, e emergiu ainda mais o pedido de que Ele se mostrasse, que desta certeza me recordasse um pouco mais frequentemente. Inevitavelmente a minha posição começou a mudar e comecei também a ver as repostas, talvez sobre formas impensáveis (uma colega que normalmente vem trabalhar às nove, disse-me: “amanhã venho às oito. Trabalho com o computador, faço um trabalho banal, mas faço isto seriamente”; ou então clientes que dizem: “Conhecemos-vos há anos, sabemos quem é que vocês são e por isso nada muda”). Pelo que dentro da dificuldade começava a ter mais clara a percepção de quem eu era, e começava a ter “aquela consciência amorosa de mim” que era dada precisamente pela consciência da minha consistência. Mas a surpresa, verdadeiramente impensável para mim, foi que amadureceu e tornou-se mais viva a relação com a minha mulher. De facto quando voltei a casa à noite isto era mesmo evidente. Percebo cada vez mais que a consciência disto permite-me estar diante de uma circunstância que é difícil mas que me desvela sempre mais o Outro que me dá sentido a mim e à realidade que tenho diante.

Espanta como um facto assim – ou como ter perdido um filho ou como viver num país tão diferente do seu – possa abrir; porque tu pensavas que estava tudo em ordem, mas o abrir-se desta voragem consentiu-te entrar novamente numa relação, de (como dizia o primeiro email) “ver a realidade até à sua profundidade”, de perceber melhor que tipo de possibilidade de mudança, relativamente à tua mulher e a ti mesmo, pode introduzir um facto. Porque esta é a questão: não devemos esperar não

sei o quê, porque a realidade, sendo boa, faz com que nos surpreendamos. Não é que ele se surpreenda de ter uma relação diferente com a mulher porque fez não sei que percurso de higiene mental; simplesmente um facto escancara de novo a realidade e escancara de novo a espera, escancara de novo todo o eu e fá-lo tornar-se de novo ele mesmo. Olhar isto permite-nos ajudarmos-nos a responder às perguntas que nos chegam, como aquela deste amigo: «escrevo-te para te pedir uma ajuda a dar mais um passo na minha experiência. Trabalhando sobre a introdução dos Exercícios, espantou-me dar-me conta de quanto eu, nas coisas que faço sou dominado por esta espera permanente realmente incancelável. Descubro em mim o desejo de que aquilo que tenho diante no instante não acabe no nada, não passe sem deixar marcas, ou seja descubro-me com um desejo não obvio de rasgar o véu da aparência. E isto reconheço-o no modo de estar diante dos doentes, na relação com a minha mulher, na inquietude que muitas vezes me deixa a relação com os meus colegas e com os meus amigos. O ponto é que em muitas circunstâncias este desejo sem fim do meu coração, este grito, não o suporte, preferiria que não existisse, porque a maior parte das vezes deixa-me triste pois toda esta urgência parece não encontrar cumprimento no instante. Impressiona-me que pelo contrário para ti a espera não é qualquer coisa para preencher, mas já é relação com o Mistério, esta espera é ocasião de letícia porque é já sinal d’Ele, a espera é plena porque já é a percepção do Mistério. “Sou Eu que falto em cada coisa que tu saboreias”, como dizes. Dou-me conta que ou a espera é este reconhecimento, ou então se fica vaga, só um vazio a preencher, torna-se insuportável. Mas o que é que nos pode convencer que a espera é já repleta do Mistério?» Isto é o que nós tantas vezes temos dificuldade em reconhecer. Por isso leio-vos o que é que me escreveu um outro, impressionado pela frase do Pavese que é todo o conteúdo dos Exercícios: «A primeira coisa que me surpreende é que estamos a viver uma dinâmica paralela à que vivemos quando trabalhámos o décimo capítulo de *O sentido religioso*, mas hoje em relação à natureza do sentido religioso. Como uma vez me disseste: “Concedo-te todos os elementos, mas tu neste instante não te dás a vida por ti só” [décimo capítulo de *O sentido religioso*], indicando um dado que eu não fazia caso, assim hoje dizes-nos: “Concedo-te todos os elementos [a convivência, a suspeita que nos estamos fazer uma lavagem ao cérebro, o cepticismo, o pensamento que nada nos foi prometido e que não há cumprimento da espera, tudo aquilo que a cada um possa vir à cabeça], mas o desejo e a espera que têm neste momento não foram vocês que os deram a vocês mesmos”. Estão aqui, obstinadamente, não os podemos eliminar, indicando um outro dado que pertence à estrutura da nossa natureza: “Esta é a genialidade de Pavese, que identificou nesta frase um dado absolutamente incancelável da experiência humana: quem de nós pode dizer, não importa aquilo que pense, nem importa a situação porque passe, que não espera?”. Com o décimo capítulo de *O sentido religioso* tínhamos chegado a dizer: está bem, sei que não fui eu que me dei a vida sozinho, sei que as coisas existem, mas tudo isso não me move. Hoje com o quinto capítulo de *O sentido religioso* [o que é sobre a espera], fazemos o mesmo raciocínio: sim, é claro que tenho as perguntas, que tenho o desejo e a espera, mas daqui a dizer que exista a resposta, que exista um objecto deste desejo, há um abismo. Como ontem nos convidavas ao trabalho de fazer experiência da realidade (o espanto pelo ser: as coisas existem, existe o ser, eu sou já relação com um Tu), hoje convidas-nos a surpreender em acto a natureza da nossa natureza: espero, desejo. Surpreende-me a actualidade da frase de Pavese que descreve a mentalidade dominante que nos paralisa: “Como é grande o pensamento que *a nós nada nos é devido*”, que ninguém nos prometeu alguma coisa; e surpreendo-me a pensar que é alucinante que se tenha transformado em pensamento dominante a ideia que pela sua natureza eu seja um eu autónomo, não relacionável, não feito estruturalmente para outro, de modo que a minha inquietação, o meu desejo, a minha espera, não sejam mais do que um defeito de fábrica, um problema químico de um a evolução não plenamente realizada, até ao ponto que o trabalho de contemplar o nosso desejo, de ter presente a dinâmica da nossa espera nos pareça completamente um exagero, quando a coisa mais correspondente ao nosso eu é exactamente este esperar. Quanto está erradicada em nós a ideia que ninguém nos prometeu nada. E descobri que é preciso traduzir a frase de Pavese, porque senão não se percebe (e pensamos que diz uma outra coisa): que belo pensar que já temos tudo, que ninguém nos deve nada, que nenhum dom de graça

nos falta, isto é que no facto de esperarmos já esteja tudo. Ontem o desafio era ceder à insistência de *don* Giussani: “Nós não estamos habituados a olhar como presença uma folha presente, uma flor presente, uma pessoa presente, não estamos habituados a fixar como presença as coisas presentes”, hoje o desafio é olhar de frente a tua provocação: entre a espera e a negação da espera quem vencerá? Porque é que é melhor olhar a espera? E, sobretudo, é preciso ceder ao trabalho de reconhecer [é este o ponto] que na espera e no desejo já está presente a promessa, ou seja, que a espera e o desejo é o lugar do Tu [ou seja, que a espera é o grito mais potente do Tu, porque sem este Tu não existiria a espera]. Eu sou uma nostalgia de um Tu que me promete alguma coisa. Se há um tempo percebi que eu não parto do zero, carregando às costas o meu drama porque existo, porque as coisas existem, porque aqui e agora estou em relação com Aquele que me está a fazer, hoje posso reconhecer no meu desejo e na minha espera o ponto religioso por antonomásia: o meu desejo é desejo d’Ele, a minha espera é espera d’Ele». E isto porquê? Porque assim como o facto que eu existo grita que há um Outro que me faz, assim o facto que espero grita que há um Outro que me está a chamar, que me está a prometer alguma coisa, na própria estrutura do meu eu. Sem nos darmos conta disto, nós esvaziamos a espera do Mistério, e depois procuramos ver como resolvemos nós a questão. O facto é que a espera é já o primeiro sinal do Mistério, é já o grito mais potente do Mistério. Por isso, dou-vos sempre o exemplo da nostalgia, porque a nostalgia é o sinal mais evidente que existe o outro, e de facto, sem o outro eu não teria nostalgia dele. Por isso, é preciso começar a olhar a espera e o desejo a partir da coisa mais simples de perceber, daquilo que nos facilita, porque se nós o percebemos será mais fácil poder abraçar a espera, porque a espera está já toda cheia do Mistério. É assim, quer queiramos quer não – podem reconhecê-lo ou não, mas é assim, é assim, não tenho que o sustentar eu com a minha energia, com a minha força de vontade, com a minha capacidade; não, não, é assim! – e é aquilo que Pavese pressentiu: porque esperamos? Esperamos: este é o dado mais teimoso que possa haver, tanto que pertence à natureza do eu, logo, é um problema de conhecimento, ou seja, deste olhar em toda a sua profundidade, com toda a sua consciência, a natureza da espera. Sem isto, nós empoleiramo-nos, procurando soluções improváveis, enquanto que bastaria reconhecer que a espera é espera d’Ele para que nós a pudéssemos sentir já toda abraçada. E assim está ali, quando nós O procuramos noutro lado, está ali! E não se vai embora porque nós não O reconhecemos: está ali, na nossa espera, está lá dentro, preenchendo-a, suscitando-a, redespertando-a, está ali! E então uma pessoa percebe que espécie de dom a espera é, esta espera estrutural que nos constitui; é o primeiro passo para O reconhecer.

Senti a proposta que o movimento nos fez neste tempo profundamente unitária. Impressionou-me muito neste tempo os seus dois extremos. Por um lado, a insistência, como estás a fazer agora, na minha natureza como espera. Eu fiquei fulgurada com a poesia de Rilke: «Sempre distraído ainda de espera, / como se tudo te anunciasse uma amada», porque uma pessoa está distraída...

Estes são os génios que nos ajudam a entrar no ser: «Como se tudo te anunciasse uma amada». Porquê? Esta é a nostalgia d’Ele. Os génios, como dizia *don* Giussani, são profetas porque gritam diante de todos aquela que é natureza de todos.

Por um lado, impressionou-me aquele «distraído ainda de espera», porque, quer queiramos quer não, esperamos.

É isso!

Por outro lado, fez-me impressão, ao mesmo tempo que lia os Exercícios do Clu, a proposta do movimento relativamente às eleições com a Nota que saiu no dia 2 de Janeiro, porque senti estas duas coisas finalmente não como duas coisas separadas, mas como se me solicitassem a mesma posição diante da realidade. Uma posição que descobri em mim, surpreendendo-me humilde, não presunçosa diante da realidade. Esta posição, tão inédita para mim quanto às eleições, fez-me sentir este “não-saber” não como o contrário de uma certeza, mas como uma força, porque neste não-saber finalmente surpreendi-me necessitada de escutar, necessitada de perceber, necessitada de falar com todos, de ouvir as razões de todos. E assim a grande razão da minha vida tornou-se uma curiosidade pelas razões de todos. E esta é uma posição de espera em que sinto que aquilo a

que nos solicitaste no Clu e aquilo que a Nota diz sobre as eleições têm para mim este ponto de tangencia: esta humildade diante da realidade. Surpreendi-me de novo a sentir-me retomar a consciência do alcance histórico do movimento, dos gestos que fazemos; por exemplo, lendo a Nota, impressionou-me o valor histórico da educação dos jovens, da minha profissão como professora ou de fazer Escola de Comunidade com os Liceus, porque este meu não saber, que é completamente curioso e por isso humilde diante da realidade, é, porém, uma coisa que está unida ao facto de eu estar certa, certa de um Facto a que pertença e que é a única coisa que tenho a dizer ao mundo. Quanto ao resto, quero aprender de todos.

A partir daquilo que dizes, quero propor cinco pontos como percurso para nos introduzir à situação política actual.

1) *A nossa necessidade.* Somos chamados a votar. Já sabemos em quem votar? Diante da situação actual, aquilo que nos facilita mais é partir cada um da própria necessidade, que é necessidade de clareza, de compreender os dados da situação, o que não é de todo óbvio. Sobretudo, então, é preciso esta humildade, porque desta vez, dada a complexidade da situação, as contas não dão certas imediatamente. Mas esta necessidade relativa a como viver a circunstância das eleições, nós vivemo-lo como um sujeito que tem fé, um sujeito cristão, eclesial. A partir daqui, vamos ao segundo ponto.

2) *A fé e a sua verificação.* Como é que a experiência da fé que vivo me ajuda a enfrentar esta necessidade de chegar a uma clareza? Cada um de nós tem um ponto de verificação da pertinência da fé à exigência de clareza acerca das eleições: como acolheu e usou a Nota do CL de 2 de Janeiro. Muitos passaram por cima dos dois primeiros pontos da Nota (em síntese, o primeiro ponto afirma que «o primeiro nível de incidência política de uma comunidade cristã viva é a sua própria existência», o segundo que «a comunidade cristã não pode não tender a ter uma sua ideia e um seu método para enfrentar problemas comuns, práticos ou teóricos, para oferecer como que específica colaboração a todo o resto da sociedade»), dando-os como sabidos, porque o que lhes interessava era saber à pressa em quem votar. Nesta postura encontramos um exemplo daquilo que diz *don Giussani* (citei-o na Carta à Fraternidade no fim do último Sínodo): «Para muitos de nós que a salvação seja Jesus Cristo e que a libertação da vida e do homem, aqui e no além, esteja continuamente ligada ao encontro com Ele tornou-se numa interpelação “espiritual”. O concreto seria outra coisa: é o compromisso sindical, é fazer passar certos direitos, é a organização, [...] e por isso as reuniões, mas não como expressões de uma exigência de vida, mais como mortificação de vida, como um peso e um tributo a pagar a uma pertença que nos encontra ainda inexplicavelmente à espera» (*Educar é um risco*, Diel, Lisboa, 1998, pp. 133). Que Jesus Cristo seja a salvação é reclame espiritual, o concreto seria outra coisa. Por isso, o importante não é tudo aquilo que vem antes, mas em quem devo votar (como tradução banal do “concreto”). O resto seria um reclame espiritual: “Certo, o primeiro e o segundo pontos da Nota estão bem, mas o que me interessa é que alguém me dê a indicação de voto”. Não nos damos conta que deste modo estamos a esvaziar a fé como conteúdo de uma experiência!

O que é que se esconde por detrás desta posição? A desconfiança que da experiência do movimento possa nascer um sujeito capaz de juízo crítico e de acções conscientes, mesmo na política: a desconfiança, ou seja, que a fé possa gerar um sujeito realmente em condições de exercitar uma responsabilidade, de ajuizar e de tomar uma posição por si mesmo, até na política. Isto seria o falhanço da experiência cristã!

E esta, para mim, é a grande utilidade da circunstância que devemos enfrentar: também as eleições são para a nossa maturidade, porque a questão é se a fé vivida é capaz de nos dar um contributo para enfrentar a vida, se é pertinente para as exigências da vida, como diz a Nota, isto é, se é capaz de educar até ao juízo político ou não. Senão, vamos buscar fora da experiência os critérios para viver a vida, incluindo a política. Em suma: está em jogo a razoabilidade da fé. As eleições são de

novo uma possibilidade para a verificação da fé, no sentido de ver em acto que contributo dá a fé, vivida como experiência real, para enfrentar as circunstâncias da vida. Escreve-me uma de vós que, vendo como alguém diante desta situação começava já a chamar o “entendido”, reagia assim: «Para além da intenção de quem avançou com esta proposta de chamar um que entenda disto, não te escondo como ouvindo me senti sufocar e imediatamente pensei: mas é possível que tenhamos sempre necessidade das ordens de cavalaria, que alguém nos diga o que fazer? E comecei a perguntar-me: e porque não tentar um diálogo entre nós sobre o trabalho que começámos a fazer a partir do juízo da Nota? Porque é que as razões do agir devemos sempre ir buscá-las fora da experiência? Temos sempre necessidade do guru que finalmente nos convença ou podemos fazê-la também nós?».

A nossa experiência permite-nos fazer isto ou não? Se a experiência cristã não está em condições de gerar um sujeito com uma consciência clara, madura, desenvolvida a partir da própria experiência, já perdemos, independentemente de quem ganhe as eleições. “E perguntei-me: mas eu, então, quando é que sigo verdadeiramente? Aqui está, de repente; percebi todo o peso da tua insistência sobre a questão de seguir e a redução que faço. O procurar confirmações fora da própria experiência é reduzir a sequele à repetição: de um discurso de outrem ou à organização ou ao personalismo ou ao fazer gestos». Isto conduz-me ao terceiro ponto.

3) *A Nota de Comunhão e Libertação*. Esta exprime exactamente o que dissemos, ou seja, que a fé – se não for esvaziada do seu significado – pelo simples facto de se colocar no real, só pode ter a ver com tudo, até com a política. É este o ponto que devemos procurar esclarecer. Vemos entre nós pessoas capazes de enfrentar a morte da mulher ou a morte de um filho, ao ponto de ficarmos todos de boca aberta, mas depois dizemos que estamos perdidos na política! Como é possível? O movimento é capaz de educar para se estar diante da morte e não é capaz de educar a estar diante da política? Não nos é poupada a morte e, se nos queremos poupar o juízo sobre a vida, sobre a morte e sobre a política, se nos poupamos o percurso que nos conduz a esse juízo, nunca poderemos ser educados. Por isso, o Mistério não nos poupa nada. E nós não seremos amigos entre nós se evitarmos a provocação que esta circunstância eleitoral dirige a cada um; pelo contrário, somos amigos se nos ajudarmos a levar a sério a nossa necessidade e a dizer, na primeira pessoa: «Eu estou a viver isto assim, o que dizes tu? Porque me interessa o teu juízo».

Dentro deste empenho com o conteúdo da Nota, encontramos depois numerosas sugestões, como o manifesto da Cdo, que representa um contributo para um esclarecimento sobre a situação, tal como nos podem oferecer sugestões as intervenções de políticos ou dados da economia, para poder continuar a fazer o trabalho que cabe à comunidade cristã enquanto tal (em vista de «uma sua ideia e um método de abordagem de problemas comuns»), em continuidade com o qual cada um é chamado a assumir uma responsabilidade pessoal. Se não for assim, confiamos-nos a critérios e métodos que têm outra origem, como o guru que nos diz o que fazer. Consequência: quanto mais o sujeito é substituído por outra coisa, mais se deprime, mais se diminui. Pelo contrário, quanto menos vem substituído, mais emerge enquanto sujeito. Como me dizia um de vocês: «Estou activo como nunca tinha estado! É urgente para mim dar um juízo, para mim agora isto é claro e desejável». E chegamos ao quarto ponto.

4) *A questão da unidade e da política*. Gostava de vos ler um trecho do livro do então Cardeal Ratzinger *Fé, Verdade, Tolerância*, que me parece decisivo para perceber: «No âmbito político [...] não existe uma opção política que seja a única justa [isto é a laicidade: não existe uma opção política que seja a única justa]. O elemento relativo, a construção da convivência humana ordenada segundo a liberdade, não pode ser absoluto [trata-se de tentativas contingentes, que por sua natureza são opináveis, abertas a novos desenvolvimentos, que podem sempre ser revistos] – acreditar nisso foi o maior erro do marxismo e das teologias políticas. Mas [atenção: isto não significa abraçar o relativismo absoluto, como se se tratasse de uma “liberdade para todos”, de uma «escolha religiosa», porque senão seria tudo a mesma coisa] na esfera política também não se chega a um

acordo com o relativismo total. Existe injustiça que nunca se pode tornar justiça [...]; existe justiça que nunca se pode tornar injustiça. Consequentemente, não se pode negar um certo direito ao relativismo na área político-social. O problema está em ter uma concepção de si como ilimitado [em vez de se perceber como não absoluto]».

Assim se percebe o trecho decisivo da *Nota doutrinal sobre o empenhamento dos católicos na política*, promulgada em 2002 pela Congregação para a Doutrina da Fé: «Não cabe à Igreja formular soluções concretas – e muito menos soluções únicas – para questões temporais, que Deus deixou ao juízo livre e responsável de cada um, embora seja seu direito e dever pronunciar juízos morais sobre realidades temporais, quando a fé ou a lei moral o exijam. Se o cristão é obrigado a “admitir a legítima multiplicidade e diversidade das opções temporais”, é igualmente chamado a discordar de uma concepção do pluralismo em chave de relativismo moral, nociva à própria vida democrática, que tem necessidade de bases verdadeiras e sólidas, ou seja, de princípios éticos que, por sua natureza e função de fundamento da vida social, não são “negociáveis”. No plano da militância política concreta, há que ter presente que o carácter contingente de algumas escolhas em matéria social, o facto de muitas vezes serem moralmente possíveis diversas estratégias para realizar ou garantir um mesmo valor substancial de fundo, a possibilidade de interpretar de maneira diferente alguns princípios basilares da teoria política, bem como a complexidade técnica de grande parte dos problemas políticos, explicam o facto de geralmente poder dar-se uma pluralidade de partidos, dentro dos quais os católicos podem escolher a sua militância para exercer – sobretudo através da representação parlamentar – o seu direito-dever na construção da vida civil do seu País. Tal constatação óbvia não pode todavia confundir-se com um indistinto pluralismo na escolha dos princípios morais e dos valores substanciais, a que se faz referência» (II, 3).

Esta é a palavra da Igreja, que ajuíza o específico da realidade política e a sua relação com ela. Poderás, por ventura, em nome da fé, impor a toda a gente a tua opção política? Por isso, pedir que o movimento “entre em campo” e diga em quem se deve votar significa passar por cima de tudo o que dissemos até agora. Imaginem que, não se atingindo a desejável unidade na escolha política, os católicos pediam ao Papa ou ao presidente de uma conferência episcopal nacional que entrasse em campo e dissesse em quem votar! É evidente por que razão a Igreja não o faz, salvo numa situação de emergência: se quisermos salvaguardar a nossa identidade eclesial a este nível, não podemos deixar de ter isto em consideração, ajudando-nos a perceber quão decisivo é. Tal como não mandamos os “inspectores” às obras que surgem a partir da pertença eclesial.

Mas então, se não se “entra em campo” com uma indicação de voto, significa que estamos divididos? Respondo com uma carta que recebi de um universitário: «Gostava de te contar um facto muito simples que aconteceu nos últimos dias, sobre o desafio que nos lançaste, de verificar a fé através da Nota do movimento sobre a situação política. Na passada quinta-feira, um rapaz que nos conheceu há uma semana veio pela primeira vez à Escola de comunidade. A Escola de comunidade foi toda sobre a Nota do movimento. Foi uma hora verdadeiramente explosiva: uma imensidão de perguntas, de perguntas e respostas entre amigos vivos, desejosos de entrar no mérito das questões para descobrir alguma coisa para si mesmos, não de modo analítico, mas verificando na experiência aquele primeiro ponto fundamental da Nota: “O primeiro nível de incidência política de uma comunidade cristã viva é a sua própria existência”». E perguntávamo-nos: é verdade que a comunidade cristã, só por existir, põe a presença que muda, que incide na história? O que é que muda o coração e, por isso, muda o mundo? Apesar desta forte provocação, olhando para o rapaz que tinha vindo pela primeira vez, eu enquanto moralista pensava: quem sabe o que pensará, talvez estivesse à espera de uma hora espiritual, que se falasse dos Evangelhos, e ouve todo o tempo as pessoas falarem sobre a circunstância das eleições políticas para crescer. Dentro de mim pensava: vai ficar escandalizado e nunca mais vem. O que me impressionou foi no dia seguinte quando me contaram as reacções deste novo amigo destes dias connosco. Disse: “Em qualquer caso, o que me impressiona é que eu pensava na Igreja como um conjunto de regras que é preciso respeitar mas quando li a Nota e vos vi percebi que existe entre vocês uma companhia que não tem medo de desafiar toda a vossa liberdade, que vocês são livres e que arriscam a vossa liberdade até ao fim,

pessoalmente, até ao voto político”. Fiquei desarmado porque ele, com simplicidade, percebeu melhor que a unidade da nossa experiência é a primeira coisa, vem antes de qualquer outra iniciativa, antes de qualquer cruzinha no boletim; percebeu que a unidade verdadeira é possível se existir uma pessoa que une, uma pessoa que não tem medo de me desafiar, aliás, que quer desafiar-me porque se interessa pelo meu crescimento mais do que pela compacidade política. Esta unidade é uma presença, ao ponto de permitir que alguém que não nos conhece e que tem ideias diferentes das nossas, possa reconhecer que vale a pena estar nesta companhia, que aqui existe aquela promessa de que falavas depois do Sínodo. Perguntou se podia vir à Escola de comunidade na quarta-feira à noite. Agradeço-te porque esta circunstância eleitoral nada clara e que eu considero muitas vezes uma situação que se suporta em apneia, está a tornar-se uma ocasião de educação em que a minha liberdade é amada até à última implicação, o voto, e em que o tema principal é a minha experiência cristã, é a minha fé; não a fé como álibi para me desinteressar das coisas concretas mas sim o encontro cristão como a coisa mais concreta para estar livre, desejoso, com fome e sede. De manhã acordo e pergunto-me: o que espero hoje verdadeiramente? O que procuro? Espero o olhar de Cristo, que se interessa por toda a minha humanidade. Só isto me torna livre».

5) O objetivo da educação. «O objetivo da educação é formar um homem novo; por isso os fatores ativos da educação devem tender para fazer o educando actuar cada vez por si próprio [ou seja, que não dependa passivamente dos outros, mas encare o ambiente, ou seja os desafios da vida, de forma cada vez cada vez mais pessoal]. Portanto será necessário, por um lado, pô-lo cada vez mais em contacto com todos os fatores do ambiente, e por outro, deixar-lhe cada vez mais a responsabilidade da escolha» (L. Giussani, *Educar é um Risco* Diel, Lisboa 2006, pp.103). Não façamos o contrário! Não tiremos o risco da escolha, como se já tivéssemos resolvido a questão! A política já esta privada de qualquer participação; resta somente a possibilidade de ir votar, mas se até a esta situação nos poupamos (ou se a queremos poupar aos outros), que tipo de educação estamos a dar? Em vez de encher de significado o ponto um da Nota, no qual se exprime toda a evidência para o ponto dois, nós esvaziaremos educativamente o ponto um e dois, escorregando imediatamente no ponto três. Se fosse este o objetivo do movimento, eu não estaria interessado.

Por isso parece-me que este período de eleições é uma ocasião, neste Ano da Fé, para perceber a própria natureza da fé. Como já disse no ano passado, na entrevista ao *Corriere della sera*, nós exigimos uma experiência de fé que tenha que ver com tudo, até com a política, precisamente pela natureza da fé. Contudo, afirmar isto não implica “rejeitar” aquele relativismo de que falava Ratzinger, que pertence à própria natureza da política. Ajudarmo-nos a perceber isto pode ser um passo importante, porque aqui jogamos a própria natureza da experiência cristã.

Oiçam o que nos diz o Beato João Paulo II na *Cristifideles Laici*: «Na sua existência não podem coexistir duas vidas paralelas: por um lado a chamada vida “espiritual”, com os seus valores e as suas exigências; e por outro lado a chamada vida “secular”, ou seja a vida de família, de trabalho, das relações sociais, do empenho político e da cultura. O ramo, enraizado na videira que é Cristo, dá os seus frutos em cada sector de atividade e em cada sector da existência. De facto, todos os campos da vida laical reentram no desígnio de Deus, que os deseja como “lugar historio” do revelar-se e do realizar-se da caridade de Jesus Cristo para glória do Pai e para serviço dos irmãos. Cada atividade, cada situação, cada empenho concreto – como por exemplo, a competência e a solidariedade no trabalho, o amor e dedicação à família e à educação dos filhos, o serviço social e político, a proposta da verdade no âmbito da cultura – são ocasiões providenciais para um “exercício contínuo da fé, da esperança e da caridade”» (Exortação apostólica *Cristifideles Laici*, nº 59).

Por esta razão, partir do nosso desejo de clareza ajuda, em qualquer discussão, a desafiar-nos mutuamente a não utilizar a razão de uma forma racionalista, colocando questões, dando razões da nossa escolha, para verificarmos se este desejo é capaz de resistir às objeções daqueles – que tal como eu – estão à procura do bem comum. Então, talvez descubramos que não é assim tão evidente aquilo que pensávamos já ter percebido, que talvez não tenhamos percebido, que é preciso recomeçar do primeiro, segundo, terceiro ponto da Nota. Preenche-los de carne, de razões, de

experiências. Mesmo que encontremos pessoas que não fizeram este percurso, por pensarem que já está tudo resolvido, não é que lhes repetamos a lição; não, é preciso tomar em consideração o que cada pessoa diz, desafiando a sua posição com razões e dados, para nos ajudar a clarificar. Mas se não começamos por fazer nós próprios o percurso, se não levamos a sério as perguntas (por exemplo: “Mas temos a certeza que sabemos como estão as coisas?”, “Tomamos em consideração este ou aquele fator?”), não nos ajudamos. Não é verdade que a primeira pessoa que passa pela estada, quem quer que seja, me pode convencer de que é tudo claríssimo, sem me dar as razões, porque nesta matéria, os únicos argumentos com autoridade são as razões que trazes. Neste âmbito podemos dizer por analogia que não existe um “direito revelado” (nem sequer para os especialistas), nem sequer a própria Igreja o tem.

Vejam o que disse o Papa Bento XVI no famoso discurso do Bundestag: «Qualquer pessoa que tenha responsabilidade deve procurar por si própria os critérios para a própria orientação». E porque é que o deve fazer? Porque «contrariamente às grandes religiões, o cristianismo nunca [mas mesmo nunca!] impôs ao estado e à sociedade um direito revelado. Pelo contrário, o cristianismo remeteu para a natureza e para as razões, como fontes verdadeiras do direito [...], reconhecendo como fontes jurídicas, validas para todos [que depois, na minha opinião, são as chaves de tudo] a razão e a natureza na sua correlação» (Bento XVI, Discurso ao Parlamento Federal de Berlim, 22 de setembro de 2011), reconhecendo por isso a experiência como fonte de conhecimento (é por isto que Giussani insistiu sempre que «a realidade se torna transparente» na experiência). Se a fonte para decidir não vem da própria experiência que fazemos na comunidade cristã, então estamos a reconhecer que de facto a fé não é capaz de gerar um sujeito competente para esclarecer sobre estas coisas, e inevitavelmente iremos buscar a fonte do nosso juízo a outro lado, fora da fé.

Assim voltamos à origem do movimento. Porque isto fez *don* Giussani: «não estou aqui para que vocês adotem como vossas as ideias que vos dou mas para vos ensinar um método verdadeiro para julgarem as coisas que vos direi» (*Educar é um risco*, pp.20). Qual era o método? A experiência: comparar tudo com as exigências do coração. Se não chegamos a isto, para mim muitos esclarecimentos não interessam nada, porque quereriam dizer que no final de contas utilizamos os critérios da escolha eleitoral fora da experiência que fazemos. É isto que está em jogo hoje. Se a experiência da fé nos ajuda a atingir um juízo, ainda que contingente, até em relação à política, então este juízo, cheio de razões, pode começar a ser um diálogo com os outros. É somente nesta comunicação das próprias razões que mantemos aquela tensão “na procura da unidade” até na política em função do testemunho da fé, da qual *don* Giussani sempre nos falou.

Mas este é o nosso problema educativo, este é o problema do movimento, porque para nós as eleições são uma ocasião para dizer o que é a fé e que o contributo da fé tem também um valor civil e político, caso contrário acabaremos por considerar a fé um chamamento espiritual, uma coisa interna – “para nós” – mas depois no campo político temos que usar outros critérios. Este é o nosso principal contributo cultural nesta circunstância: a introdução de um sujeito eclesial. É muito significativo o exemplo que *don* Giussani propõe em relação ao primeiro nível da Nota: «A multiplicação e dilatação de comunidades cristãs vivazes e autênticas não pode não determinar o nascimento e o desenvolvimento de um movimento cuja influência sobre a sociedade civil tende inevitavelmente a ser sempre de maior relevo [...]. Se ainda é lícito comparar as coisas pequenas com as grandes, gostaria de lembrar aqui o exemplo beneditino. [...] Este movimento veio a influenciar o “código da vida civil daquele tempo” graças à multiplicação, em centenas e milhares, das suas comunidades de oração e trabalho, em torno da qual a própria vida civil se reagregava e retomava consistência» (L. Giussani, *Il Movimento di Comunione e Liberazione*, Jaca Book, Milão 1987, p.119). Toda outra coisa do que uma escolha religiosa! Por isso, quanto mais o cristianismo é esvaziado do seu fundamento histórico, que é como quem diz, quanto mais a fé é vivida de modo reduzido, recusada na sua capacidade de investir a totalidade do sujeito, mais se depositam na “política” (no sentido estrito) as nossas expectativas de mudança, de incidência. Como me dizia sempre um amigo, nenhum de nós se lembra quem era o rei no tempo de São Bento, mas todos se lembram de São Bento. Esta é a incidência histórica da comunidade cristã.

A próxima Escola de Comunidade será na quarta-feira dia 27 de Fevereiro às 21.30. Retomaremos a Assembleia e a síntese dos Exercícios do CLU.

O *Livro do mês* para Fevereiro será ainda o livro do Papa *A infância de Jesus*. Propomo-lo durante mais um mês para sugerir a todos que o leiam ou para completarem a leitura.

Os Exercícios da Fraternidade serão nos dias 19 a 21 de Abril.

Banco Farmacêutico No Sábado 9 e 16 de Fevereiro terá parte em Itália, Espanha e Portugal a XIII Jornada Nacional de Recolha de Medicamentos, organizada pela Fundação Banco Farmacêutico. Trata-se de um gesto importante de gratuidade e partilha que ajuda, sobretudo neste período de crise económica, os mais pobres.

O Banco procura voluntários para fazer a recolha nas farmácias.

Para informações podem consultar o site www.bancofarmaceutico.org.

(**Em Portugal:** www.bancofarmaceutico.pt estão abertas as inscrições para o sábado dia **16 de Fevereiro**, entre as **09H00** e as **19H00**).

Veni Sante Spiritus